

O alinhamento da Têra, Pavia (Mora): resultados da 1.^a campanha (1996)

■ LEONOR ROCHA¹

RESUMO Apresentação dos resultados da 1.^a Campanha de escavações efectuada no Alinhamento do Monte da Têra. O monumento foi identificado em Janeiro de 1996 pela signatária e por Manuel Calado, durante os trabalhos de prospecção que se vinham a desenvolver na área de Pavia. Eram visíveis à superfície cinco monólitos, tombados para Sul e alinhados.

ABSTRACT During survey work in January of 1996 in the area of Pavia, the author and Manuel Calado identified the alignment of Tera. At the time, five fallen menhirs were visible, forming a line oriented NW-SE. The following paper presents the results from the first archaeological intervention at the site.

1. Localização e contexto geográfico

O alinhamento do Monte da Têra localiza-se na freguesia de Pavia, concelho de Mora e distrito de Évora; as coordenadas U.T.M. (C.M.P. 409, esc. 1: 25 000) são $x = 589.2.0$; $y = 4305.6.5$ e com uma altimetria de 164 m (Fig. 1). A área de Pavia situa-se na extremidade Norte do distrito de Évora, perto do limite com os distritos de Santarém e Portalegre.

Geologicamente, abrange essencialmente as formações da bacia terciária do Tejo e o substrato antigo, na maior parte granitos. Estes estão representados junto de Pavia prolongando-se para NW e SE. Aparece ainda uma mancha mais ou menos localizada a SW. Nas restantes áreas ocorrem as areias, argilas e cascalheiras excepto no canto NE onde se destacam os micaxistos e quartzitos (Fig. 2).

Em relação à hidrografia, a área de Pavia pertence à bacia hidrográfica do rio Sorraia, subsidiária da margem esquerda do Tejo. Drenada pelas ribeiras do Almadafe, de Tera e do Divor, apresenta uma rede hidrográfica geralmente encaixada.

O sítio implanta-se numa área relativamente plana, com uma ligeira inclinação para Sul, a cerca de 500m da ribeira de Tera.

Em termos pedológicos, o monumento encontra-se numa área onde ocorrem algumas manchas de solos com boa potencialidade agrícola (classes A e B), encontrando-se implantado sobre solos da classe C (Fig. 3).

2. Contexto arqueológico

O Alinhamento do Monte da Terá encontra-se numa área muito rica em termos de vestígios pré-históricos. As prospecções efectuadas nos dois últimos anos permitiram identificar uma densa mancha de vestígios de *habitat* pré-históricos, aparentemente integráveis entre o Neolítico Médio e o Calcolítico Médio.

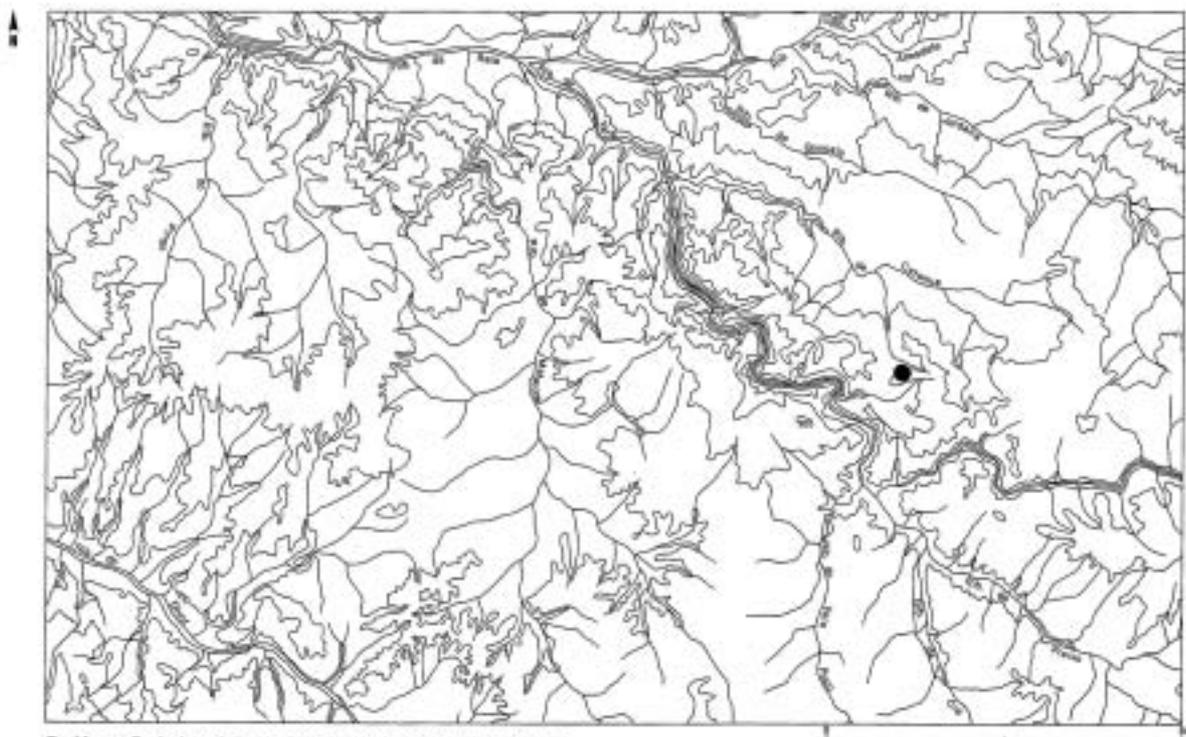


FIG. 1 – Orohidrografia da área de Pavia. Localização do alinhamento do Monte da Têra.

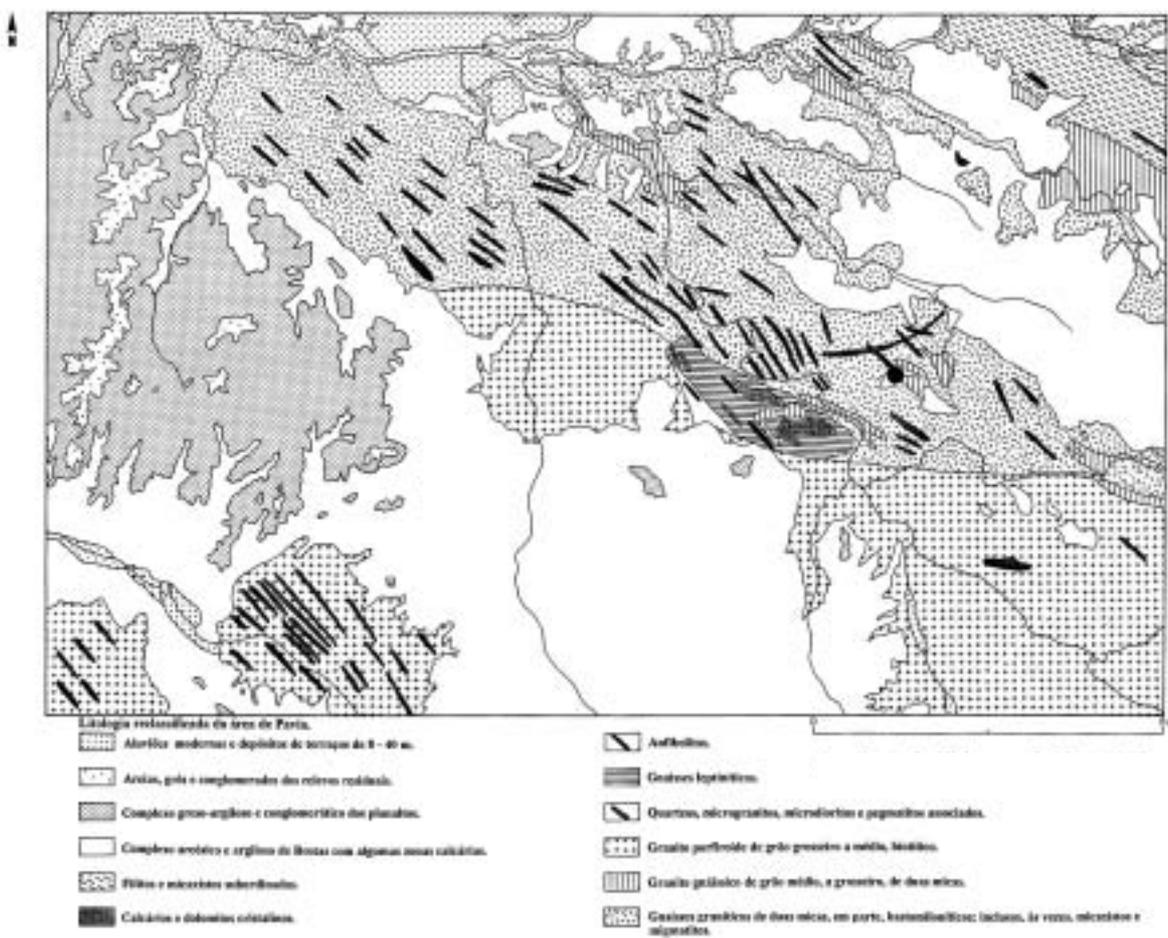


FIG. 2 – Localização do alinhamento do Monte da Têra.

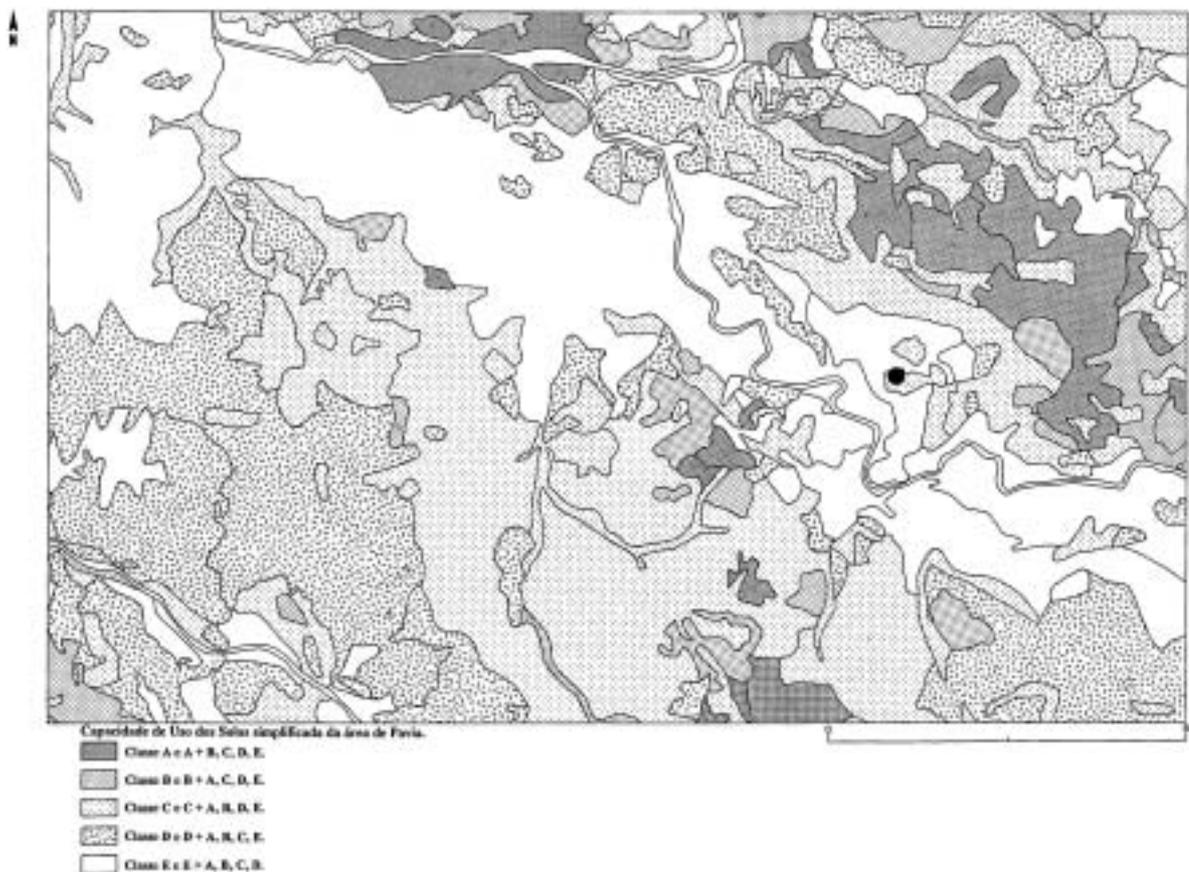


FIG. 3 – Localização do alinhamento do Monte da Têra.

Cronologicamente, os materiais arqueológicos recolhidos apontam para uma ocupação muito intensa de quase toda a área, algures pela segunda metade do IV milénio a.C.; esta fase parece apresentar continuidade apenas no povoado do Neolítico Final/Calcolítico do Monte do Henrique Soeiro, um pequeno povoado aberto e, posteriormente, no povoado calcolítico do Castelo de Pavia, este já com elevada defensabilidade.

Os vestígios mais antigos, atribuíveis ao Neolítico Médio, apenas foram localizados em áreas onde pontuam os grandes afloramentos graníticos, com formas frequentemente caprichosas em que se formaram excelentes abrigos naturais; nestes, destaca-se a relativa abundância de sílex e a presença de cerâmicas almagradadas, quase todas lisas. No entanto, a maioria dos locais de habitat, atribuíveis ao Neolítico Final, ocuparam espaços abertos, sem grande defensabilidade natural mas com algum domínio visual sobre a paisagem e perto de linhas de água.

Em relação ao megalitismo funerário, foram identificados 36 novos monumentos o que eleva a mais de uma centena o total de antas e sepulturas, actualmente conhecidas na área de Pavia. O espólio funerário integra-se, genericamente, no mesmo período cronológico proposto para a maioria dos povoados, isto é, uma faixa centrada na segunda metade do IV milénio a.C.

No que diz respeito ao megalitismo não funerário, também se identificaram mais dois recintos megalíticos e quatro menires(?) isolados.

3. O alinhamento do Monte da Têra (campanha de 1996)

A. Metodologia da escavação

Os trabalhos iniciaram-se em Julho, tendo-se procedido à implantação de uma quadrícula de referência, com uma malha de 2 m x 2 m, com os eixos orientados sensivelmente a N/S – E/W e, ao respectivo levantamento topográfico efectuado pelo topógrafo António Nunes, da Câmara Municipal de Mora. Os pontos foram cotados a partir de um ponto, por nós implantado no terreno, ao qual foi atribuída uma cota fictícia de 100.00, uma vez que do sítio não se avistam pontos geográficos que o permitam integrar directamente na rede nacional.

As coordenadas alfabéticas desenvolvem-se entre o E e o J e, as coordenadas numéricas entre o 10 e o 15. A quadrícula inicial compreendia apenas até ao n.º 14 (Fig. 4) mas durante os trabalhos de escavação tivemos que alargar mais dois metros.

A escavação foi concebida em *open area* seguindo o método de Barker/Harris.

Após a limpeza superficial da área delimitada, optou-se por abrir os quadrados onde se implantavam os menires e em alguns casos não se abriu todo o quadrado. Durante a escavação da U.E.o começaram a surgir pedras em torno dos menires o que indicava o aparecimento dos alvéolos.

O prosseguimento da escavação permitiu identificar uma estrutura pétreo (U.E. 12), tipo calçada, onde os alvéolos dos menires se encontram inseridos (Fig. 6) variando a sua largura entre 1,46 m e 1,76 m. É constituída por pedras de diferentes tamanhos e composições (xisto, quartzo, quartzito e granito). Esta unidade encontra-se muito bem conservada à excepção dos quadrados I e H 12, onde, provavelmente devido à acção da maquinaria agrícola, se apresenta menos definida, estando também o menir deslocado.

A cuidadosa escavação desta estrutura permitiu verificar a existência de outros alvéolos onde não se encontram actualmente menires. Assim, o alinhamento deveria de ser constituído inicialmente por nove menires (Fig. 7).

Os alvéolos aparecem colmatados por pedras de diferentes granulometrias e matérias-primas (Figs. 8 e 9), por uma camada de terra bastante compacta e de aspecto algo gorduroso, da qual se recolheu uma amostra para análise, e por uma camada de seixos compactados, a qual aparecia normalmente na base a revestir a fossa. Os materiais arqueológicos recolhidos encontravam-se todos acima desta camada de seixos. A escavação dos alvéolos permitiu observar que a calçada é, nestes locais, constituída por três fiadas de pedras sobrepostas.

As terras foram todas crivadas e recolheu-se amostras de terras para futuras análises e crivagens mais finas.

Dado o apoio da Câmara Municipal de Mora foi possível prolongar-se os trabalhos até Setembro, tendo-se colocado de pé o menir 5.

Medidas dos menires:

- **Menir 1:** 1,57 m comprimento x 0,60 m largura.
- **Menir 3:** 1,65 m comprimento x 0,64 m largura.
- **Menir 5:** 1,46 m comprimento x 0,42 m largura.
- **Menir 6:** 2,27 m comprimento x 0,50 m largura.
- **Menir 7:** 2,62 m comprimento x 0,54 m largura.

B. Unidades estratigráficas:

- **U.E.o** – Camada de terra castanha clara de compacidade média ou elevada. Terreno arenoso, com alguns blocos de quartzo;

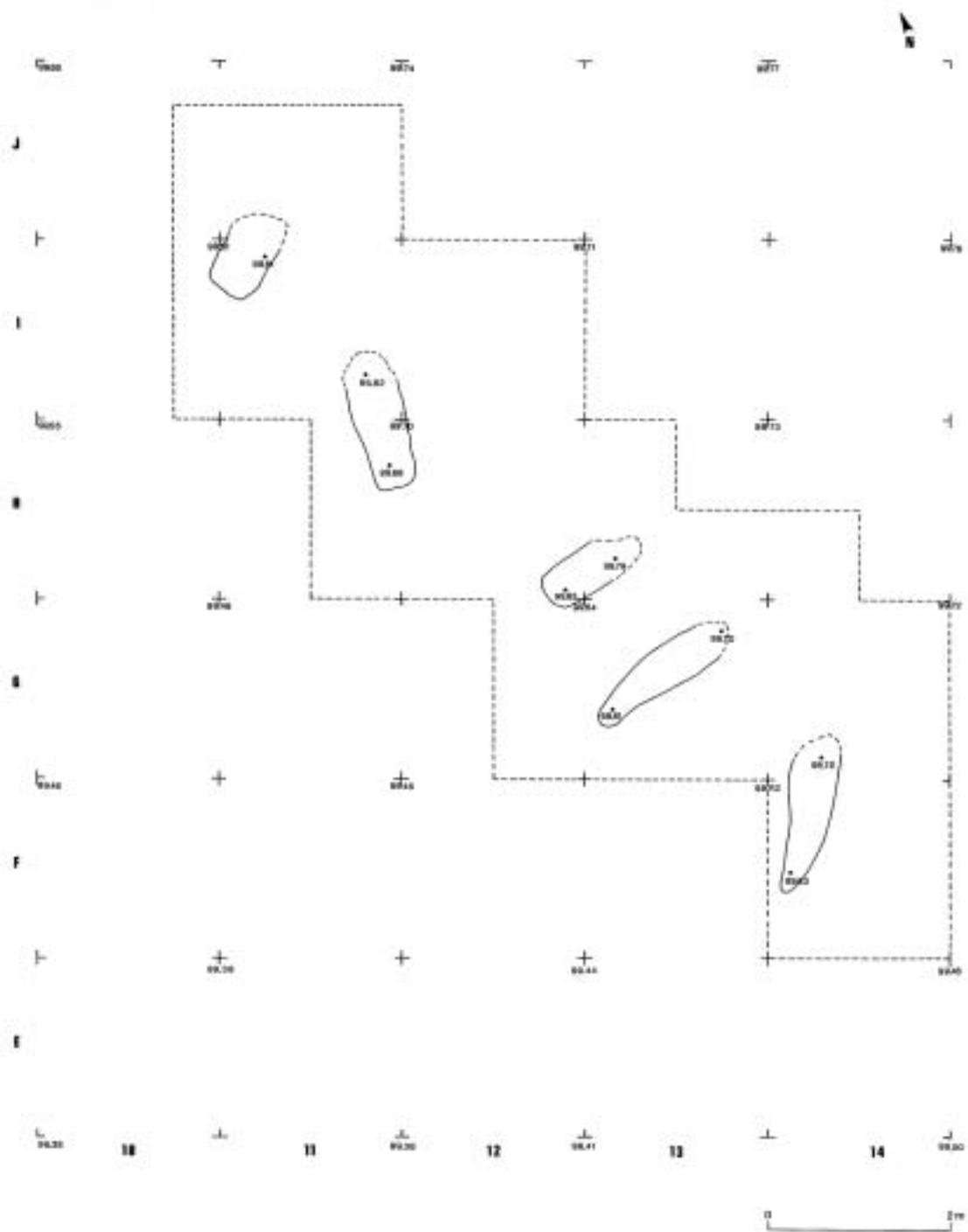


FIG. 4 – Planta geral do alinhamento do Monte da Têra, com indicação da área inicialmente demarcada para escavação.

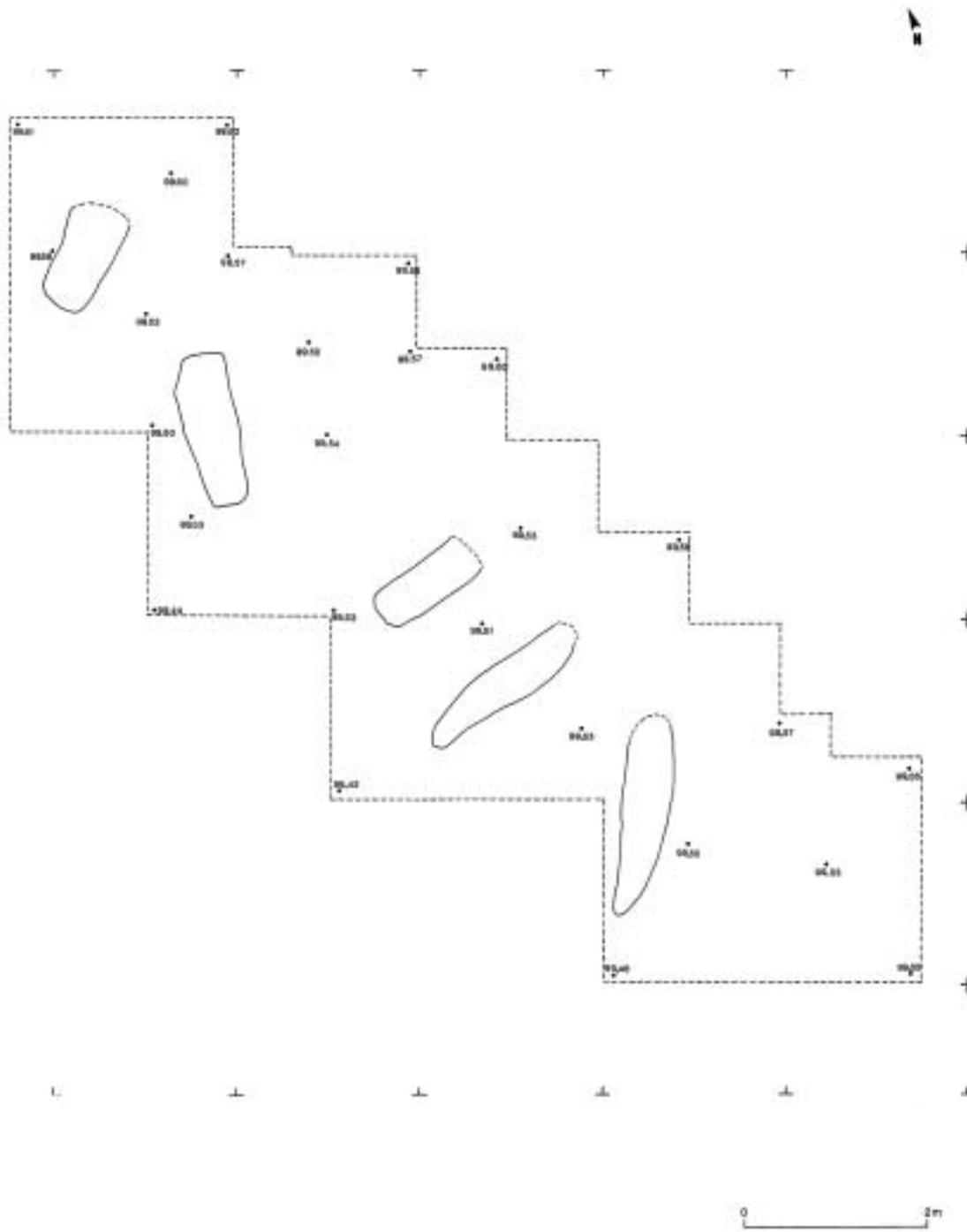


FIG. 5 – Alinhamento do Monte da Têra. Planta da U.E. 1.

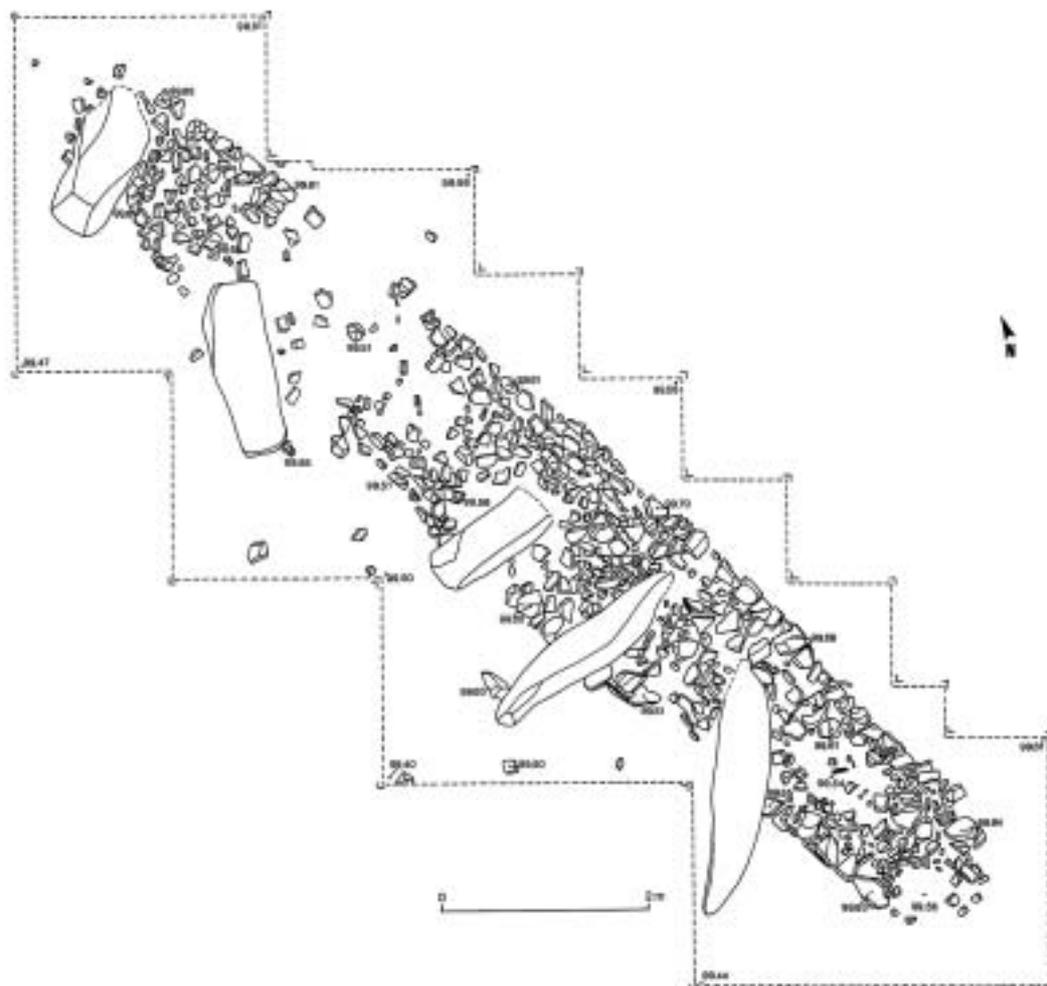


FIG. 6 – Alinhamento do Monte da Têra. Planta dos menires e da estrutura U.E. 12.

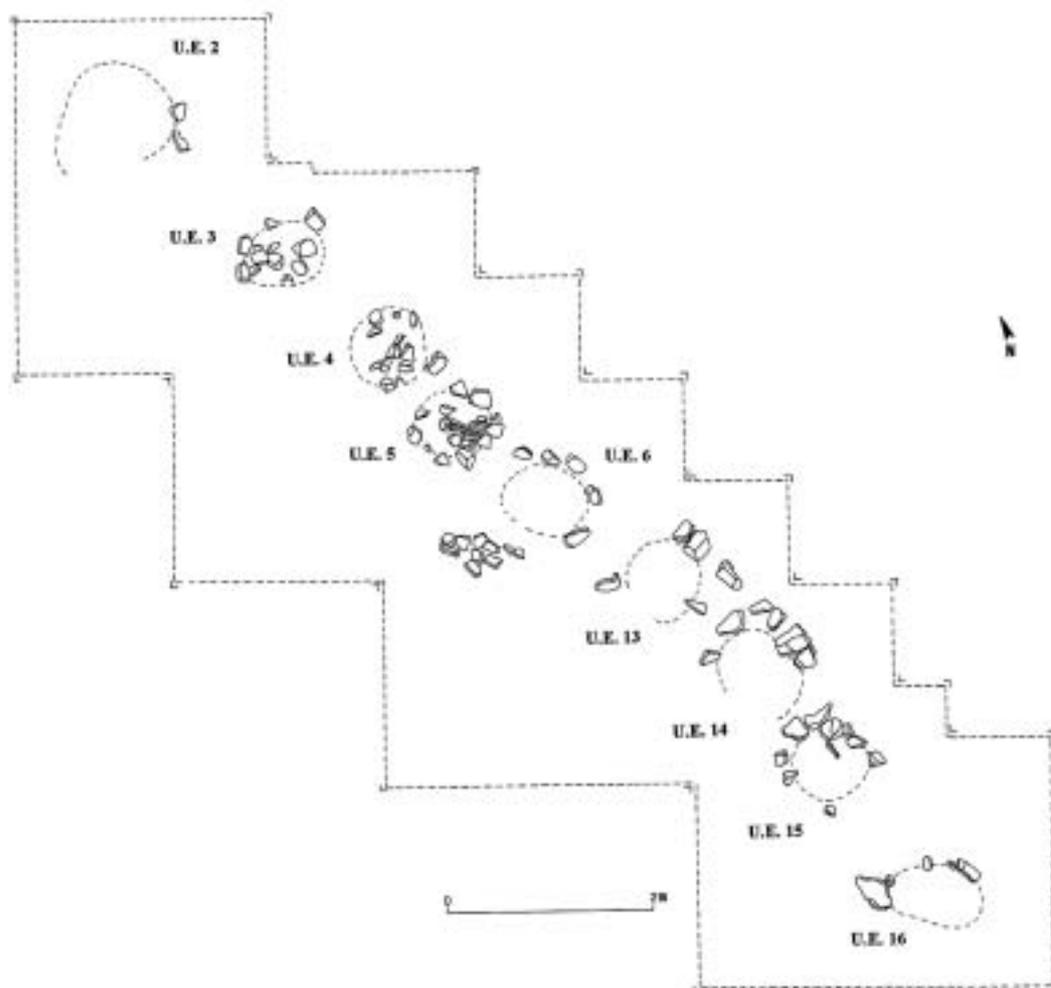


FIG. 7 – Alinhamento do Monte da Têra. Planta das U.E. 2, 3, 4, 5, 6, 13, 14, 15 e 16.



I



2

FIG. 8 – Alinhamento do Monte da Têra. 1: menires 5, 6 e 7 e a estrutura pétrea; 2: vista geral da escavação. Fotos de José Manuel Rodrigues.



1



2

FIG. 9 – Alinhamento do Monte da Têra. Pormenor dos alvéolos dos menires 5 (1) e 6 (2). Fotos de José Manuel Rodrigues.

- U.E.1 – Nível subjacente à U.E.0 e que parece corresponder ao chão primitivo. Aflora o topo dos alvéolos. Não se notam diferenças a nível da cor em relação à unidade anterior, apenas junto aos menires as terras aparecem menos compactas e humedecidas;
- U.E.2 – Fossa de implantação do Menir 1;
- U.E.3 – Fossa de implantação do Menir 2;
- U.E.4 – Fossa de implantação do Menir 3;
- U.E.5 – Fossa de implantação do Menir 4;
- U.E.6 – Fossa de implantação do Menir 5;
- U.E.7 – Enchimento do alvéolo do Menir 1. A camada de seixos só foi identificada nos lados do alvéolo, não aparecendo na base;
- U.E.8 – Enchimento do alvéolo do Menir 2. Não se chegou a identificar o nível de seixos; apareceram algumas pedras dentro do alvéolo, uma das quais era um fragmento de um elemento de mó. Recolheram-se ainda alguns carvões e fragmentos de cerâmica, incharacterísticos;
- U.E.9 – Enchimento do alvéolo do Menir 3. As terras mantiveram-se sempre muito soltas, tendo aparecido também pedras dispersas no interior. Na base identificou-se o nível de seixos. Trata-se de um alvéolo de grandes dimensões que deverá corresponder ao menir que se encontra deslocado. Recolheram-se carvões e poucas cerâmicas;
- U.E.10 – Enchimento do alvéolo do Menir 4. Alvéolo de pequenas dimensões e com muitas lajes de xisto, em cutelo, no interior. Identificou-se o nível de seixos na base;
- U.E.11 – Enchimento do alvéolo do Menir 5. A base do menir encontra-se ainda muito profunda. O nível de seixos apareceu logo muito acima provavelmente deslocado pela base do menir ao tombar;
- U.E.12 – Estrutura pétreia, tipo “calçada” ou base de *tumulus*, onde se encontram inseridos os alvéolos dos menires. É constituída por pedras de diferentes dimensões e natureza, nomeadamente xisto, granito, quartzo e quartzito. A estrutura, com cerca de 2 m de largura, apresenta a face Leste muito bem conservada, paralelamente à orientação do alinhamento megalítico, sensivelmente a NW-SE (135°-315°).
- U.E.13 – Fossa de implantação do Menir 6;
- U.E.14 – Fossa de implantação do Menir 7;
- U.E.15 – Fossa de implantação do Menir 8;
- U.E.16 – Fossa de implantação do Menir 9;
- U.E.17 – Enchimento do alvéolo do Menir 6. A camada de seixos era muito espessa. Recolheram-se alguns carvões;
- U.E.18 – Enchimento do alvéolo do Menir 7. O menir, ao tombar, deslocou-se ligeiramente para W. Também neste caso o nível de seixos apareceu muito à superfície, junto à base do menir. Recolheram-se carvões;
- U.E.19 – Enchimento do alvéolo do Menir 8. Retiraram-se muitas pedras do interior do alvéolo. A camada de seixos era pouco espessa;
- U.E.20 – Enchimento do alvéolo do Menir 9. Não se recolheram quaisquer materiais e as terras eram muito soltas. Não se identificou o nível de seixos, apenas o da terra dura, gordurosa.

4. Espólio

Os materiais encontrados resumem-se a escassos fragmentos de cerâmica de roda e alguns, raros, de cerâmica manual de tipo pré-histórico, um fragmento de um dormente,

um fragmento proximal de lamela de sílex e um fragmento de quartzo hialino, actualmente em estudo.

Os carvões recolhidos foram enviados para o Laboratório de Radiocarbono de Gröningen. No entanto, dadas as pequenas quantidades recolhidas poderá não ser possível obter-se qualquer datação.

5. Considerações finais

A escavação do Alinhamento da Tera, cujos menires, originalmente nove, se encontravam inseridos numa estrutura pétreia, de tipo calçada, acrescenta uma nova dimensão e uma maior complexidade ao megalitismo alentejano, uma vez que se desconhecem, na Península, outros monumentos do mesmo género.

Dada a provável conexão entre este monumento e o outro que se encontra a cerca de 50 m de distância, Recinto(?) Megalítico do Monte da Têra, cuja compreensão passa necessariamente pela continuação das escavação e pela realização de sondagens, não se consideraram terminados os trabalhos neste local. A evidente conexão entre os dois conjuntos permite imaginar que se trata de um alinhamento mais extenso ou, em alternativa, se trate de um conjunto alinhamento-recinto, fenómeno que se observa também nos monumentos do Morbihan (França).

Os artefactos recolhidos na escavação do alinhamento da Têra são pouco conclusivos, em termos cronológico-culturais, uma vez que não se encontraram cerâmicas com bordos ou decorações. No entanto, o fragmento de lamela de sílex aponta, no contexto regional, para uma certa antiguidade dentro da sequência local de Pavia, sendo um dos artefactos mais característicos dos povoados do Neolítico Antigo da área de Évora.

Por outro lado, a referida presença de um elemento de mó num dos alvéolos, parece ser um fenómeno recorrente, provavelmente de ordem ritual, na construção de monumentos megalíticos.

¹ Instituto Português de Arqueologia. Investigadora do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- BURL, A. (1979) - *Rings of stone. The Prehistoric Stone Circles of Britain and Ireland*. London: Frances Lincoln.
- CALADO, M. (1990) - Aspectos do Megalitismo Alentejano. *O Giraldo*. Évora.
- CALADO, M. (1993) - Menires, alinhamentos e cromelechs. In MEDINA, J. (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, I, p.294-301.
- CALADO, M. (1995) - *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico*. Lisboa: FLUL (edição policopiada).
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Pavia e Évora. *Rubricatum. Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica*. Gavà, p. 673-682.
- CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- JORGE, V. O. (1977) - Menhirs du Portugal. Sep. de l'*Architecture Megalithique*. Vannes: Société Polymathique du Morbihan.
- JOUSSAUME, R. (1985) - *Des dolmens pour les morts*. Paris: Hachette.
- MOHEN, J.-P. (1990) - *The World of Megaliths*. New York.
- RITCHIE, A.; GRAHAM (1985) - *Scotland. Archaeology and Early History*. London: Thames and Hudson.
- ROCHA, L. (1998) - Os Menires de Pavia, Mora (Portugal). Comunicação apresentada ao *II Congreso Peninsular de Arqueología*. Zamora, 24 a 27 de Setembro de 1996.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V.; SOUSA, H. R. de; NORTH, C. T.; LEITÃO, M. (1977) - Nouvelles découvertes de cromelechs et de menhirs au Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 61, p. 63-73